



## **DESCONSTRUÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE OCIDENTAL: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DO TRABALHO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA**

### **Autores:**

Clair odete schneider - UTFPR - [clair-schneider@unochapeco.edu.br](mailto:clair-schneider@unochapeco.edu.br)

Hieda Maria Pagliosa Corona - UTFPR - [pagliosa@utfpr.edu.br](mailto:pagliosa@utfpr.edu.br)

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é contextualizar o paradigma da modernidade proposto pelo cartesianismo e de que forma interferiu na organização social, nos papéis sociais impostos as mulheres agricultoras e a invisibilização do seu trabalho na agricultura convencional. Em contradição a isso, a teoria da complexidade que propõe a ideia de que o mundo é complexo e que o modelo cartesiano não seria capaz de contemplar a explicação da sociedade. Para analisar a organização da sociedade e apresentar sua complexidade utilizar-se-á subsídios da teoria ator rede, para contemplar as diversidades predominantes nas sociedades. A metodologia utilizada teve como base revisões bibliográficas sobre o tema, possuindo um caráter exploratório. Com as análises, observa-se que o modelo moderno encontra-se estável na sociedade, a qual categorizou e purificou as relações e organização social e, como superação deste, a teoria da complexidade e o saber/fazer em redes apresentam subsídios importantes para abordar de que forma a agroecologia surge como uma possibilidade de superação deste modelo, oferecendo as mulheres condições de participação, reconhecimento do seu trabalho e transformação social.



# DESCONSTRUÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE OCIDENTAL: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DO TRABALHO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

## RESUMO

O objetivo deste artigo é contextualizar o paradigma da modernidade proposto pelo cartesianismo e de que forma interferiu na organização social, nos papéis sociais impostos as mulheres agricultoras e a invisibilização do seu trabalho na agricultura convencional. Em contradição a isso, a teoria da complexidade que propõe a ideia de que o mundo é complexo e que o modelo cartesiano não seria capaz de contemplar a explicação da sociedade. Para analisar a organização da sociedade e apresentar sua complexidade utilizar-se-á subsídios da teoria ator rede, para contemplar as diversidades predominantes nas sociedades. A metodologia utilizada teve como base revisões bibliográficas sobre o tema, possuindo um caráter exploratório. Com as análises, observa-se que o modelo moderno encontra-se estável na sociedade, a qual categorizou e purificou as relações e organização social e, como superação deste, a teoria da complexidade e o saber/fazer em redes apresentam subsídios importantes para abordar de que forma a agroecologia surge como uma possibilidade de superação deste modelo, oferecendo as mulheres condições de participação, reconhecimento do seu trabalho e transformação social.

Palavras Chave: Modernidade; Conhecimentos; Organização social; Mulheres.

## INTRODUÇÃO

Historicamente a sociedade passou por diversas transformações e organizações sociais. Pondera-se que a sociedade por muito tempo teve a ciência como base para fundamentar as vivências do dia a dia e a forma como a sociedade se organiza, nesta lógica de organização social, a ciência sempre esteve à frente e considerada como saber absoluto. De fato, a ciência possibilitou a sociedade inúmeros estudos e melhoria da qualidade de vida das pessoas, no entanto, provocou também numerosos desajustes, como por exemplo, o descarte dos demais saberes que pudessem complementar a ciência ou contradizer as pesquisas científicas. Assim, por muito tempo na sociedade moderna, descartou-se conhecimentos de povos tradicionais sobre diversos temas, desde saúde, plantações, meteorologia, etc. Neste contexto de predominância da ciência, os homens tiveram lugar de destaque, sendo reconhecidos como chefes de família e donos do saber e as mulheres como suas dependentes e ajudantes com um papel inferior ao dos homens (PAULILO, 2016).

Muitas mudanças já ocorreram e tais relações transformaram-se, mas ainda há diversos aspectos que carregam traços desta sociedade moderna, mas como controvérsias a

esse modelo, há diversas linhas teóricas que contradizem essa organização social e problematiza suas consequências. No decorrer deste artigo, serão apresentadas teorias que apontam de que forma a divisão cartesiana interfere negativamente na organização social, argumentando através da teoria da complexidade e a teoria ator rede.

O trabalho está dividido em duas sessões principais. Na primeira sessão, buscou-se sintetizar o modelo cartesiano proposto por Descartes e a lógica de uma única ciência universal e a teoria da complexidade que se apresenta contra a ideia de um saber universal, assegurando que a sociedade é complexa, portanto não é possível a existência de um saber único. Na segunda sessão estão as propostas de análises do conhecimento multicultural, através da possibilidade do conhecimento em redes, a partir da teoria ator rede. Nestas, serão analisadas a organização da sociedade, o contexto da agricultura e a participação das mulheres nas diversas atividades e esferas da sociedade.

## Contextualização de modernidade pelo método de Descartes

Para contextualizar e delimitar o conceito de modernidade utilizar-se-á os conceitos propostos por Descartes (1973) em sua obra “discurso do método”, possibilitando compreensões sobre a divisão cartesiana dos conhecimentos e da organização social. De acordo com ele, a lógica de produção da ciência é descrita a partir do que ele chamava de método, definido pela divisão, experiência, comprovação e a absolutização de uma verdade científica e, conseqüentemente, o predomínio da razão científica.

Esse método centrava-se na ideia de que existe saberes predominantes e divididos por especialidades ou conhecimentos específicos, tornando-se um paradigma e, ainda, observado predominantemente em diversos contextos da sociedade. Ao exemplificar de que maneira esse paradigma predomina na vida dos sujeitos, pode se apresentar a organização social delimitada por divisões específicas, homem-mulher, rural-urbano, sociedade-natureza, saber científico- saber empírico, etc.

Ao tratar das divisões, Descartes assegura que para de fato “[...] conhecê-las, eu precisaria às vezes considerar cada uma em particular, e outras vezes somente decorá-las, ou compreender várias ao mesmo tempo, [...] para melhor considera-las em particular teria que supô-las como linhas” (DESCARTES, 1973, p. 24). Dessa forma, seria mais compreensível ater-se as extremidades e de fato reter os conhecimentos, para isso seria necessário dividi-los em categorias e níveis.

Nesta lógica, existiam algumas concepções referentes ao cartesianismo que ofereciam subsídios para compreender e explicar o funcionamento da sociedade. De acordo com as percepções de Descartes (1973) predominavam-se eixos de compreensão da sociedade, sendo: em primeiro lugar se considera verdadeiro apenas o que é eminentemente, o concreto e mensurável, não havendo possibilidade para erros ou dúvidas. Em segundo lugar, compreendia que seria necessário dividir o todo em quantas partes fossem necessárias para de fato entendê-lo em suas extremidades (DESCARTES, 1973).

Em terceiro lugar, propunha conduzir a ordem dos seus pensamentos, iniciando pelos mais fáceis e simples de conhecer, para ampliar-se pouco a pouco até chegar aos conhecimentos mais compostos e complexos, supondo que estes não procedem uns aos outros. Em quarto lugar, Descartes afirmava ser necessário fazer tudo por enumerações e revisão completas, para ter certeza de que nada teria sido omitido (DESCARTES, 1973).

Através deste método proposto por Descartes, o conhecimento deveria se constituir através da indução, do particular para o público. A complexidade seria dividida e subdividida em partes, organizadas por níveis de complexidade, delimitando os conhecimentos acessados com mais facilidade para os conhecimentos mais complexos, a conquista estaria destinada a quem pudesse transformar este problema à um nível mais simples e acessível. Neste entendimento, é possível visualizar as seguintes polarizações e/ou divisões: comunidade/sociedade, rural/urbano, tradicional/moderno, homem/mulher, entre outras (PAULILO, 2016).

Para Descartes (1973), com a utilização deste método, além de facilitar a produção de conhecimento como descrito anteriormente, proporcionaria subsídios para a possibilidade de reduzir o mundo das leis, a possibilidade da existência de uma “ciência universal” e a noção de que o homem estaria apto para dominar a natureza.

Com essa lógica de explicação e compreensão exata das coisas e da organização da sociedade, todas as formas de produção de conhecimento desde então passariam a utilizar-se e embasar-se a partir deste método, o cartesianismo. Esse método, delimitaria a validade e veracidade dos conhecimentos e, para ser validado ou comprovado deveria ser associado ao conhecimento científico (DESCARTES, 1973).

Ao analisar as contribuições e contextualizações de Descartes em relação a produção de conhecimento, é possível verificar que este paradigma ainda permanece fortemente na sociedade até os dias atuais e, como interfere fortemente na organização e divisão social, contribuindo na invisibilização dos papéis desempenhados pelas mulheres e com relação aos conhecimentos de senso comum baseados na experiência.

Porém, existem diversas controvérsias frente a esta concepção sobre a produção do conhecimento, ponderando que o conhecimento é complexo e não pode ser categorizado e dividido. Para Edgar Morin (2005) a sociedade é complexa, sendo assim não há possibilidade de existir um saber único como forma de explicação ou compreensão da sociedade e do mundo. Para ele, cada ser humano e suas relações possuem uma multiplicidade de identidades e personalidades, culturas, experiências e os seres humanos estão em constantes construções e desconstruções, não sendo possível uma previsão e compreensão completa sobre a sociedade, seres humanos e suas inter-relações (MORIN, 2005).

Ao contextualizar essa divisão e organização moderna da sociedade, avança-se para o contexto rural, sendo possível analisar a crítica à modernidade em relação à agricultura convencional e agricultura de base ecológica (agroecologia). É possível definir a agroecologia como uma possibilidade para a desconstrução destas características impostas pela sociedade moderna (vista fortemente na agricultura convencional), assim vista como mais que uma prática da agricultura, mas uma transformação nos modos de relacionar-se através das dualidades, sociedade-natureza e homem-mulher.

A sociedade e suas relações são complexas, tornando-se necessário a crítica sobre a construção e hierarquização de papéis pré-estabelecidos na organização da sociedade. Inicialmente, a complexidade foi mal compreendida, Morin, suscita dois grandes mal-entendidos em relação à complexidade, o primeiro está associado a “[...] conceber a complexidade como receita, como resposta, em vez de considerá-la como desafio e como uma motivação para pensar. Acreditamos que a complexidade deve ser um substituto eficaz da simplificação, mas que, como a simplificação, vai permitir programar e esclarecer.”

(MORIN, 1996, p.176). E, o segundo mal-entendido, “[...] consiste em confundir a complexidade com a completude.” (MORIN, 1996, p.176).

Ao problematizar as dualidades descritas, vê-se a agroecologia como possibilidade para reflexão das relações da sociedade com a natureza e, relações homens e mulheres e como tais relações refletem na organização da sociedade, não sendo possível a existência de uma separação ou divisão, dialogando entre si. Para Morin (1996, p. 189), “o termo dialógico quer dizer que duas lógicas, dois princípios, estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade: daí vem a ideia de “unidualidade” [...], o homem é um ser unidual totalmente biológico e totalmente cultural a um só tempo.”

Nesta concepção de diálogo entre o saber científico e saber empírico, Morin (1996), descreve que a

Racionalidade e empirismo mantêm um diálogo fecundo entre a vontade da razão de se apoderar de todo o real e a resistência do real à razão. Ao mesmo tempo, há complementaridade e antagonismo entre a imaginação que faz as hipóteses e a verificação que as seleciona. Ou seja, a ciência se fundamenta na dialógica entre imaginação e verificação, empirismo e realismo (1996, p. 189).

Na atualidade, a sociedade passa por inúmeras reflexões e transformações. No entanto, a predominância ainda refere-se a ideia do cartesianismo, o qual por vezes descarta conhecimentos tradicionais, empíricos por conhecimentos universais e científicos, descartando conhecimentos do cotidiano da sociedade. Junto a isso, nota-se a invisibilização da mulher nos diversos espaços da sociedade, como ciência, mercado de trabalho, lideranças, política, etc. Tornando-se indispensável problematizar a organização social da sociedade, dos papéis sociais, conhecimentos empíricos e científicos.

Ao analisar essas condições de organização social e divisão/hierarquização dos papéis de homens e mulheres. A agricultura de base agroecológica caracteriza-se como um modelo ou forma mais adequado de agricultura, em termos de organização social (meio ambiente, relações sociais, etc) e critica a hierarquização das atividades e papéis sociais. Através da prática agroecológica, não é possível superar todas as divisões hierárquicas e sociais existentes, no entanto é através dela que observa-se a possibilidade de superação deste paradigma predominante na sociedade atualmente. A lógica de trabalho da agricultura de base ecológica oferece subsídios para que a sociedade transforme-se, desencadeando a criação de um novo paradigma, nesta prática além da forma de produzir alimentos, há novas compreensões relacionadas aos produtores, consumidores e, a novas organizações sociais.

Com esta prática não é possível descrever que superar-se-á por completo o paradigma imposto pela modernidade, mas é uma alternativa para a superação deste modelo. A agroecologia coloca-se como um movimento de resistência à esta sociedade moderna, promovendo o diálogo de saberes, a interação de saberes tradicionais e científicos alternativos ao modelo convencional, a qual passou-se a descartar todos os saberes e ações tradicionais e/ou empíricos, fundamentando-se na ciência moderna.

Atualmente é possível delinear a ampla disseminação da prática agroecológica e suas contribuições à sociedade especialmente para a sustentabilidade e o empoderamento da

mulher. A prática agroecológica está diretamente ligada com o trabalho das mulheres e uma nova reorganização social, para Boni (2017, p. 22) “a produção agroecológica para as mulheres camponesas vai além de apenas a produção de alimentos sem agrotóxicos, adubos químicos ou a utilização de sementes geneticamente modificadas.” A relação das mulheres com a agroecologia evidencia-se ainda, pela qualidade dos alimentos, qualidade de vida, soberania alimentar e sua participação ativa na sociedade.

Ao compreender a importância da participação e compreensão dos diversos saberes existentes na sociedade, questiona-se sobre a complexidade da sociedade e as suas inúmeras possibilidades e, que para ser possível compreendê-las é importante considerar o contexto, o todo e as diversas relações existentes na sociedade.

## Saber em redes para a desconstrução do pretense saber universal: Contribuições das Mulheres e da Agroecologia

Compreendendo a definição sobre modernidade e organização social indicada pela teoria do método cartesiano, seus enraizamentos e suas consequências à sociedade e, a teoria da complexidade sustentada por Morin, que afirma que a sociedade e suas relações são complexas, portanto não é possível a existência de um único saber, um saber universal. Partindo desta percepção crítica a modernidade, a divisão e organização da ciência e da sociedade amparada pela teoria da complexidade, Latour (1994) e Callon (2004), oferecem importantes contribuições para a compreensão da sociedade através das redes e dos atores sociais, pela Teoria Ator Rede (TAR).

Conforme o exposto, a ideia de modernidade acompanha a do cartesianismo, descrito e compreendido como a divisão de atividades, ações e a vida humana e da natureza em categorias e subcategorias específicas e distintas. Através desta lógica a ciência moderna teve como objetivo a purificação da sociedade, com o método que: classifica, divide e categoriza a sociedade.

Ao tratar de categorização ou o termo utilizado por Latour (1994) como purificação. O autor propõe a reflexão crítica sobre as práticas deste modelo considerado moderno, das imposições e determinações realizadas pela ciência moderna a fim de padronizar relações e ações do ser humano, a qual possui práticas distintas, estáveis e padronizadas.

Ao tratar do termo purificação, refere-se às especificidades e aos métodos rigorosos e exatos, isolando esferas e não considerando e descrevendo o todo como importante e fundamental. Para Latour (1994) a vida não pode ser purificada, todas as esferas da sociedade funcionam juntas e estão interligadas, sendo impossível separar em categorias as ações da vida humana. Afirmando que os seres humanos e a sociedade jamais foram modernos, pois apenas seriam modernos se fossem capazes de compreender e controlar tudo e o todo.

Conforme Latour (1994) os seres humanos são híbridos, ou seja, existem diversas intersecções em nossa vida seja no âmbito da cultura, natureza de políticas de discurso e vivências do cotidiano, portanto não há uma divisão destes e sim uma junção de todas as especificidades, os quais formam a sociedade. O híbrido descrito por Latour (1994) consiste na mediação das inter-relações existentes na vida do ser humano, sendo impossível que elas não existam nas mais diversas áreas e ações vivenciadas pelo ser humano.



A esse respeito Latour (1994), propõe os sujeitos não são apenas uma “coisa” mas, a união de diversas coisas, as quais formam o todo, ou seja, o ser humano, a sociedade e suas relações. Quando utilizado o termo “diversas coisas”, refere-se as inúmeras influências que o ser humano possui desde seu contexto familiar até o social que está inserido. Para exemplificar tais influências, pondera-se os hábitos, costumes, valores éticos e morais, compreensões de certo e errado, opções de lazer, trabalhos, modos de alimentação, interações sociais e diversos outros aspectos que influenciam o ser humano a fazerem escolhas e serem sujeitos ativos na sociedade.

Através das análises de Latour (1994) referentes ao moderno e ao saber, o qual está inserido nas relações e são através delas que o sujeito vivência novas aprendizagens e se organiza em sociedade. O saber jamais permanece estagnado, sempre há trocas e está em movimento, portanto, o saber nunca será estável ou completo. Além disso, para Latour (1994) não há distinções entre os saberes, definido quais saberes são mais importantes ou certos, não havendo níveis de importância entre o conhecimento do senso comum/empírico e científico, ambos são conhecimentos específicos e distintos, porém complementares.

Para compreender essas relações existentes, propõe-se pensar em redes. Quando propõe-se as redes não significam percepções, compreensões e ações idênticas ou específicas, mas a diversidade que complementam as relações. As redes são formadas por controvérsias, diferenças, por um coletivo de todos os que são capazes de falar e influenciar, sejam humanos ou não humanos, como a natureza, por exemplo.

Neste sentido, Latour (1994) pondera que o saber não é único e indiscutível e sim, discutível, pois quanto mais se conhece as realidades, mais opções de questionamento existem. Portanto, quanto mais atores participam desta interação, desta rede, mais saberes serão reconhecidos, através da interação entre os seres humanos e os não humanos é que se torna possível conhecer, questionar o porquê das coisas e não apenas o que lhes é imposto. Essa forma de interação e organização social permite crescimento intelectual aos participantes desta rede, tornando-se necessário juntar a objetividade com as controvérsias e divergências existentes (LATOURE, 1994).

Ao considerar as controvérsias como importante para a construção do conhecimento no âmbito das redes, surge o termo traição, ou seja, a traição do porta voz (quem fala pelo outro, pelos sem aparelho de fonação, como as coisas e a natureza), a qual pode ocorrer com a falsificação de dados ou informações, por exemplo. Questionando-se, de que lado está sendo falado, com quais objetivos, à quem está beneficiando, à quem está prejudicando, de qual lado e a favor de quem o sujeito está. As controvérsias são necessárias, resultando na oportunidade de discussão e avaliação dos posicionamentos existentes, não apenas aceitando o que lhes é imposto (LATOURE, 1994).

Com o cartesianismo não é possível vivenciar a universalidade, pois o discurso, conhecimento ou pessoa tornam-se mais, ou melhor, do que o outro, num processo de hierarquização, segundo Latour (1994). O autor questiona: como é possível medir o melhor conhecimento ou sua veracidade? Partindo da ideia de que somos seres subjetivos com vivências específicas, não é possível que aceite-se a existência de um saber universal. A partir de tais reflexões é possível que os seres humanos passem a agir como atores sociais, se colocando, ponderando compreensões e situações existentes, questionando a existência e ação dos Humanos e não humanos, os quais influenciam e interagem constantemente.



Latour (1994) questiona ainda, como é possível definir um ator/agente social? Sendo que os atores sociais podem ser definidos como humanos e não humanos, então considera-se atores aqueles que estão agindo e transformando o meio diariamente. No entanto, tais atores não permanecem estagnados e transformam-se em outro e com o outro através das suas vivências e experiências cotidianas. As transformações do meio podem ser descritas de várias maneiras, principalmente pela interação entre seres humanos e não-humanos. Para compreender tais interações, a TAR proporciona subsídios para a compreensão das relações existentes e, de que maneira elas se formam e se transformam (CALLON, 2004).

O ato de realizar escolhas é ser ator social, optar em realizar uma formação acadêmica, trabalhar em determinada área, é ser ator social. Optar pelo trabalho com base ecológica, sem agrotóxicos e produção em pequena escala para o consumo local ao invés de produzir para agroindústrias é uma escolha transformadora do meio em que o sujeito vive, e demonstra seu papel enquanto ator social. Nessa atuação enquanto ator social evidenciam-se quebras de paradigmas predominantes, referentes ao modelo cartesiano, sobre o papel desempenhado pela mulher e o questionamento do homem como chefe de família, bem como, o abandono de práticas tradicionais na agricultura, para uma nova reformulação social de organização e práticas, por exemplo.

A sociedade se transforma quando estes atores sociais unem-se por meio do coletivo, para Latour (1994) é necessário “Convocar o Coletivo”, para que as pessoas possam interagir e discutir sobre as questões que estão relacionadas à vida e seu cotidiano, rejeitando a separação entre natureza e sociedade e entre sujeito e objeto. No lugar de duas arenas distintas (natureza e sociedade), a ecologia política propõe convocar um único coletivo, cujo papel é justamente debater a dita hierarquia entre os seres e chegar a uma solução aceitável. Neste contexto, a ecologia política, possui papel unificador das categorias de todos os seres (humanos e não humanos) (LATOUR, 1994).

Para complementar as compreensões e análises realizadas por Latour (1994) sobre a purificação, cartesianismo e a existência de um saber universal. Pondera-se que pela Teoria Ator Rede, são evidenciados os espaços de discussão e atuação destes atores na transformação da sociedade através de suas redes. Nesta perspectiva, tudo está conectado, desde a inovação, à tradição da sociedade e ambos transformam a sociedade (CALLON, 2004).

Para Callon, “A ciência se replica, não se aplica, por força de investimentos muito fortes, e ao se replicar, ela se transforma, e se adapta e se combina novamente em configurações locais, singulares, [...] diferente daquelas que prevalecem em outros lugares.” (2004, p. 68). A ciência para o autor deve ser um fator de transformação e não alterações, sejam tradições ou conhecimentos, e que, a ciência está centrada para o acesso de poucos grupos os quais são preestabelecidos, não sendo possível o acesso a todos que teriam interesse (CALLON, 2004).

De acordo com Callon (2004), a inovação não destrói a tradição, elas se complementam. A inovação é apresentada em muitas situações frente a dois processos de modernização, sendo o processo de entrada ao mercado mundial e adaptação à competição econômica e o segundo, da utilização da ciência como fonte de progresso e da eficácia. Callon prossegue afirmando que, nesta lógica não haveria escolha para sobreviver, seria necessário aceitar e viver de acordo com a modernização, e para ele “modernizar uma



sociedade significaria se integrar no mercado mundial apostando na ciência e no progresso técnico.” (CALLON, 2004, p. 64).

Assim, sabendo que a tecnologia e a inovação centram-se nas mãos de poucos e que, em sua grande maioria, as pessoas não possuem condições para comprar e atender as novas exigências impostas pela ciência, o que tornaria a inovação paralisante, faz-se necessário reconhecer outros processos. Os atores tem espaços de manobras, há resistências a essa inovação massificada, pois ao olhar para as redes sociotécnicas observa-se que as inovações e a ciência são construídas no fazer coletivo, para que elas se efetivem é necessário que um maior número de pessoas (a soma dos fracos) façam uso e se integrem às inovações.

Quando há resistências e enfrentamentos a estes, é possível observar disparidades nas concepções e compreensões das pessoas, como ao processo de resistência de agricultores familiares/camponeses sobre o uso da tecnologia na agricultura, sendo o uso exacerbado dos agrotóxicos, consumo de produtos industrializados e descarte do uso de recursos naturais do meio ambiente. E o não uso, os colocaria contra a modernização e desenvolvimento, como imagem de estagnação, confirmando a ideia que a modernização está associada ao uso e acesso ao pacote tecnológico que consequentemente destruiriam os particularismos e as tradições, descrito por Callon como manobras estratégicas (CALLON, 2004).

O trabalho na agricultura familiar com base ecológica proporciona aos agricultores e agricultoras maiores possibilidades de opções e benefícios a eles e a sociedade. A resistência a inovação refere-se a resistência à agricultura convencional, a qual está inserida em diversos contextos da sociedade e vem se modificando constantemente, promovendo a exclusão dos sujeitos não possuem condições de inovar e investir nas tecnologias propostas pelo pacote tecnológico. Além disso, a agricultura convencional purifica e categoriza-se os conhecimentos considerados corretos, nessa classificação denomina-se o homem como o chefe de família e as mulheres como auxiliares e sujeitos que contribuem no trabalho, não sendo líderes e portadoras da liderança familiar (PAULILO, 2016).

A produção com base ecológica, reconhecida atualmente como agroecologia, representa uma resistência a essa forma convencional de se organizar em família e sociedade. Através desta, oportuniza-se as mulheres uma maior participação no cotidiano da propriedade rural, sendo sujeitos ativos. Na agricultura convencional, é possível observar o predomínio do cartesianismo e, divisão das atividades, classificação dos trabalhos mais leves e pesados e quem deve realizá-los (PAULILO, 2016).

Nesta classificação dos trabalhos e quem os devem realizar, há ainda a classificação de qual trabalho torna-se mais importante e necessário. Cotidianamente a divisão na agricultura convencional está representada pelo homem chefe de família, quem coordena e controla a organização familiar, economia e atividades a serem desenvolvidas. Por outro lado, o papel desempenhado pelas mulheres estão relacionados ao cuidado da casa, filhos e outros afazeres no ambiente do lar, no privado (PAULILO, 2016).

A resistência da agroecologia refere-se a negar a utilização do pacote tecnológico, que aparentemente representaria qualidade de vida, pela redução da penosidade do trabalho. No entanto, com esta organização da sociedade se potencializa benefícios para determinados públicos e exclusão de outros, justamente pela possibilidade de acesso, desde economicamente, quanto demograficamente, ignorando as consequências de degradação

da natureza. Para Callon (2004), “[...] os atores sabem muito bem fazer a triagem entre o que é bom e o que é ruim para eles.” (p. 70).

A resistência em relação determinadas tecnologias não necessariamente pode ser considerada como limitação, mas o que se define como mais importante é que os sujeitos inovadores que possuem habilidades e capacidades “de modificar as escolhas técnicas, de transformar seus projetos [...] a inovação se transforma, se modifica permanentemente, é impossível apreender o que ela será, pois ela passa de mão em mão, cada um reage, adapta.” (CALLON, 2004, p. 70).

Partindo destas compreensões, faz-se necessário refletir sobre as redes e a maneira como todos os saberes e atores, sejam homens, mulheres e demais sujeitos que participam e interagem neste meio são importantes e influenciam uns aos outros. Conforme Latour (1994), todos os saberes influenciam uns aos outros, sejam influências de humanos ou não humanos, pois, as ações dos seres humanos na natureza influenciam e modificam o meio e vice versa, as ações de não humanos, como natureza, tecnologia transforma-se constantemente e modifica o meio. Contribuindo com essa perspectiva, Callon (2004, p. 71), descreve que as inovações circulam e, são

[...] através de vínculos e relações que ela suscita e consolida, a rede acaba criando uma rede sócio-técnica, ou seja, um conjunto de atores, tendo participado de uma maneira ou de outra, no mais das vezes de maneira modesta, à concepção, à elaboração e à adaptação da inovação, se vêem partilhar um mesmo destino, pertencer ao mesmo mundo: seus interesses, suas ações, seus projetos foram progressivamente ajustados, coordenados.

Considerando a inovação, é importante considerar que o conhecimento tradicional/empírico é tão importante quanto o saber científico e as novas tecnologias. De acordo com o autor, os acontecimentos vão mostrando e moldando-se de acordo com o que a realidade apresenta, denominando-se a rede sócio técnica (CALLON, 2004).

Na rede sócio técnica, todos os atores são ativos e através da criação de vínculos, transformam o meio em que vivem. Assim, estar na rede é saber lidar com as controvérsias e quando se sugere ou se fazem críticas, o objetivo principal é auxiliar e transformar a rede (grupo) ou formar novas redes. Para os autores, não há consenso em redes, pois sempre há controvérsias e através das diferentes concepções é possível criar novas estratégias e reflexões diante de determinada situação, desse modo, a rede sempre estará em movimento (LATOURE, 1996; CALLON, 2004).

Atualmente, ainda predomina-se o cartesianismo, na agricultura convencional, no entanto, a agroecologia oferece mais subsídios de interação e funcionamento das redes, como forma de superação do modelo cartesiano. Na possibilidade de compreender as redes e as relações decorrentes desta organização, a agroecologia e a ampliação da participação das mulheres como forma de agricultura, utiliza de saberes tradicionais e técnicas de cuidado e conservação da biodiversidade e do meio. Através das redes, mobiliza-se “[...] relações, recursos e significados, propiciam a interconexão entre diferentes mundos e formas de conhecimento, transcendendo domínios institucionais específicos e interligando uma grande diversidade de arenas.” (SCHMITT, 2011, p.92).



Na rede, representada na figura 1, evidencia as diversas possibilidades de participação das mulheres e a utilização de técnicas e saberes empíricos na agricultura de base ecológica. Além disso, apresenta as diversidades existentes em uma rede e, a diversidade de saberes e compreensões sobre um mesmo assunto. Através da análise desta rede, fica evidente o quanto as diversas esferas sociais possuem influências diretas uma sobre as outras, demonstrando a efetivação das redes e de que maneira estão ligadas umas às outras. E “É na confluência entre essas múltiplas realidades, e através de processos de luta, negociação e acomodação, em diferentes campos de batalha, que se constrói o desenvolvimento.” (SCHMITT, 2011, p. 92-93).

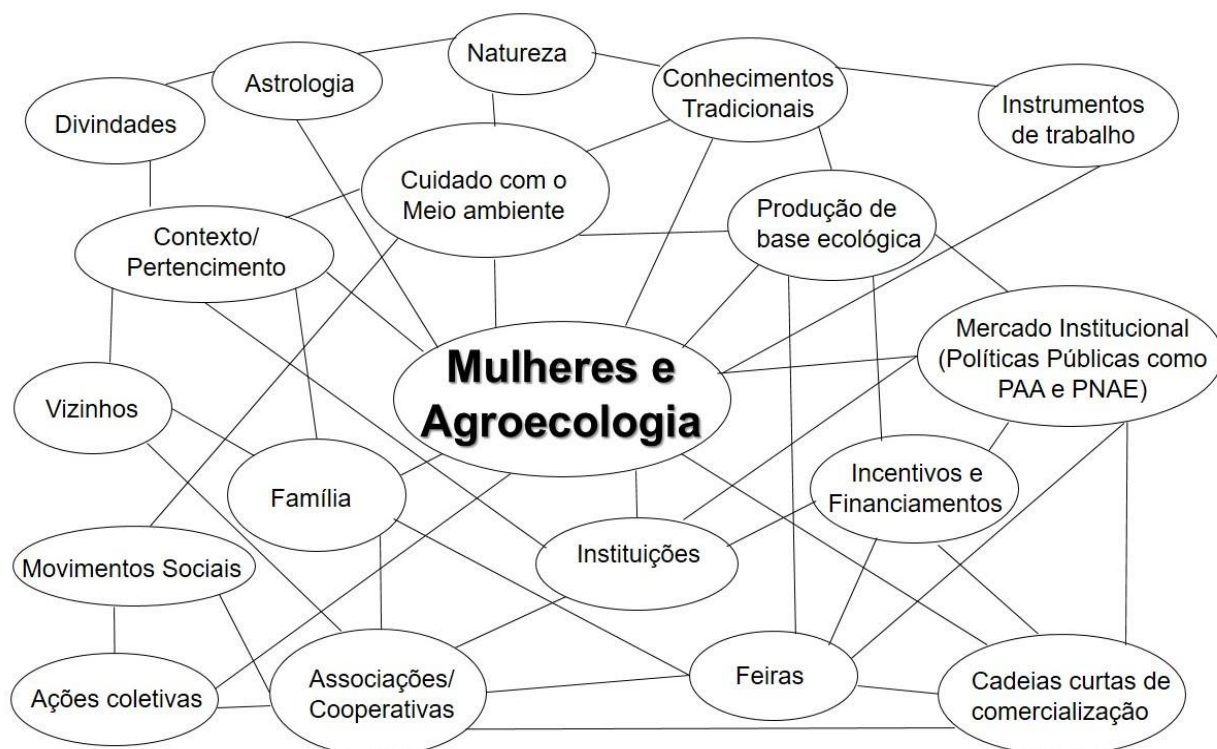


Figura 1/ Fonte: Elaboração das autoras.

Ao analisar a rede das mulheres e a agroecologia, é possível compreender a expansão e complexidade das redes. Nestas redes existem diversos conhecimentos, papéis sociais e saberes, sendo impossível classificar a importância dos sujeitos ou os saberes mais importantes. Além disso, é importante que exista o anseio de pertencimento a essa rede. Nestas condições, a rede se torna efetiva de fato, com conjunto de “[...] associações, estabelecidas entre agentes “humanos” e “não-humanos”, conectados entre si por meio de diferentes processos de tradução. As relações de poder, a conformação de centros de cálculo com capacidade de agir à longa distância [...]” (SCHMITT, 2011, p. 94).

Para Callon (2004, p. 69), “No modelo em rede, não há oposição entre os atores capazes de produzir ou de absorver os conhecimento, e atores fechados, obtusos, incapazes de apoderar dele e de transformá-los: há simplesmente atores bem ou mal equipados, [...] formados.” Para o autor, o modelo em rede considera que todas as ideias são importantes, tanto as boas ideias quanto as más, pois inicialmente a ideia pode não ser boa, mas, ao ser reconstruída, repensada e reorganizada, ela pode gerar inovação e transformação do meio.



O problema maior seria se não houvessem ideias e discussões, Callon afirma que “Uma ideia que não circula, que não é discutida, desmembrada, recomposta, é uma ideia morta, sem futuro. E a partir do momento que ela começa viver, a partir do momento em que ela circula, ela suscita reações de todo o tipo.” (2004, p. 70).

Na construção das redes ou mercados de trocas e consumo podem ser observadas as relações das pequenas redes com as redes mais amplas, estando sempre conectadas umas às outras. Um exemplo pode ser descrito pela rede (Figura 1) dos movimentos sociais, essa rede está associada diretamente a outras redes, as quais em seu todo formam o movimento e, compostas como redes locais e redes maiores, como redes globais. O movimento social, reconhecido como global mas que, para sua efetivação necessita da participação de pequenos movimentos, pequenas redes e, vice-versa.

A organização e compreensão sobre as redes oferecem diversos subsídios para que os sujeitos sejam atores sociais participantes e não apenas espectadores. Neste sentido cada ator social possui conhecimentos específicos, os quais se complementam e possuem efetividade quando trabalhados em conjunto, não existindo um conhecimento mais importante que o outro.

As redes são formadas por lutas evidenciadas em movimentos e/ou sujeitos que unem-se por um mesmo objetivo, são diversas concepções, ideais e interesses na interação com humanos e não humanos. No entanto, nenhum interesse se sobrepõe aos interesses do grupo, na rede das mulheres com a agroecologia é possível observar os diversos saberes inseridos nas redes e relações existentes entre humanos e não humanos e, como uma importante superação do modelo cartesiano de organização social em diversos aspectos, que além de transformar o modo de produzir, organizar e comercializar seus alimentos, proporciona subsídios de união, inovação, organização familiar das famílias e sociedade.

Na resistência e contraposição ao cartesianismo a agroecologia possibilita uma nova agricultura. A partir desta lógica a divisão dos trabalhos passa a ser horizontalizada e sem classificação de importância pelo sexo de quem realiza a atividade. Na prática agroecológica, as mulheres agricultora/camponesas participam de todos os processos e trabalhos desenvolvidos nas propriedades rurais.

Com as transformações e resistências que a agroecologia propõe ao modelo de agricultura moderna, as divisões tornam-se eficientes e todos participam de todos os processos e atividades desenvolvidas na propriedade. Quando anteriormente com o cartesianismo e classificação cada qual possuíam seus papéis distintos, em redes agroecológicas observa-se que as mulheres participam do processo de plantação, cuidado, colheita, classificação e venda dos produtos, tornando-se sujeitos ativos nas decisões e ações desenvolvidas. Além disso, o trabalho e grupos ou comunidades tomam mais força e desenvolvem-se juntos, mostram-se de fato contrários a organização moderna da sociedade e favorável a compreensão e validação das forças externas junto ao desenvolvimento e comunicação destas extremidades.

Para Schimitt (2011), é possível observar o crescente interesse e aproximação da sociedade às novas possibilidades existentes na relação das redes, seus territórios, valores e produtos. Tais possibilidades surgem em contextos que ponderam uma economia de qualidade, considerando que as preferências dos consumidores para com alimentos saudáveis e produzidos ecologicamente vem aumentando consideravelmente. Este interesse

proporciona a abertura de novos mercados e novas redes de interlocução e relações na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, a sociedade moderna e suas implicações resultaram em inúmeras delimitações sociais, as quais são visíveis em todas as esferas da sociedade. As consequências da modernidade na sociedade puderam ser observadas com clareza no contexto da agricultura, especialmente na divisão de atividades e a sua hierarquização, a definição de saberes mais ou menos importantes, invisibilização das mulheres, etc. O rompimento desta compreensão e resistência à este modelo na agricultura, tem como referência a agroecologia, não sendo possível afirmar que através dela seja possível a superação completa deste paradigma, porém oferece importantes caminhos e subsídios para superar o modelo cartesiano, ao qual a sociedade se organiza.

Conforme apresentados os conceitos e reflexões existentes na sociedade moderna, compreende-se que as divisões de tarefas e vivências do dia a dia são denominadas e organizadas conforme definições de gênero, veracidade científica, divisões de posicionamentos sociais e diversos outros aspectos. Conforme as reflexões apresentadas ao discorrer sobre o tema deste artigo, o conhecimento não pode ser considerado como universal e único, mas sim como pertencente aos diversos sujeitos, inseridos na sociedade e que, o conhecimento ocorre através da organização da sociedade em redes e a compreensão de que todo são atores sociais importantes para o desenvolvimento da sociedade.

Não é possível numerar ou afirmar a mudança completa da sociedade através da prática agroecológica. No entanto, é a partir desta lógica de trabalho e organização social que há transformações nas vidas das pessoas e, a agricultura de base ecológica é evidenciada como um caminho para a reflexão e superação de diversos paradigmas predominantes na sociedade moderna. É importante considerar ainda que a sociedade moderna também oferece importantes contribuições com relação aos avanços tecnológicos e o acesso a eles, assim torna-se importante o diálogo entre os diversos contextos, percepções e organizações sociais, pois todas apresentam contribuições para o desenvolvimento da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BONI, Valdete. Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica. *In: Mulheres camponesas e agroecologia*. CRV: Curitiba, Brasil. 2017.

CALLON, Michel. **Por uma nova abordagem da ciência da inovação e do mercado: o papel das redes sócio-técnicas**. In: PARENTE, A (org). Porto Alegre: Sulina, 2004.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Ed. Abril Cultura São Paulo, 1973.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34, 1994.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**, Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Ed. Sulina, Porto Alegre, 2005

\_\_\_\_\_. **O desafio da complexidade**. In: \_\_\_\_ *Ciência com Consciência* 13ª ed. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2010.

PAULILO, Maria Igenes S. **Mulheres rurais: Quatro décadas de diálogo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

SCHMITT, Claudia Job. **Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relaciona**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 82-112. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n27/a05v13n27.pdf>>. Acesso em: Jul. 2018.